DA CABEÇA

AOS PÉS

Warley Matias de Souza

Warley Matias de Souza

DA CABEÇA AOS PÉS

2ª edição
revista pelo autor

A ela, apesar dos pesares.

“Mama... Uuuuuh!
Didn’t mean to make you cry
If I’m not back again this time tomorrow
Carry on, carry on
As if nothing really matters
Too late, my time has come
Sends shivers down my spine
Body’s aching all the time
Goodbye, everybody
I’ve got to go
Gotta leave you all behind and face the truth
Mama... Uuuuuh! (Anyway the wind blows...)
I don’t wanna die
I sometimes wish I’d never been born at all”

Bohemian rhapsody, by Freddie Mercury.

“Mother, you had me
But I never had you
I wanted you
But you didn’t want me
So I
I just got to tell you
Goodbye
Goodbye”

Mother, by John Lennon.

CABELO

Eu agarrava seu cabelo com minhas duas mãozinhas e segurava forte, enquanto apertava o seu rosto no meu; fios crespos possuídos pelas minhas mãos de menino forte e valente, dedos entremeados em fios queridos com cheiro de xampu rosa.

Com a boca aberta, eu babava em seu rosto, num ato de amor, como se quisesse sentir o gosto de sua pele, como cãozinho que só faz reconhecimento por meio da lambida amiga.

Ela gritava e ria ao mesmo tempo, sem nojo; afastava meu rosto, tentava se desvencilhar de minhas mãos.

— Não puxe o cabelo da mamãe, filhinho.

Era minha tentativa louca de estar sempre grudado a ela, de ser parte definitiva de seu corpo.

Por fim, ela conseguia desvencilhar-se, mãos quentes abraçando as minhas. Então eu chorava e, agressivo, libertava as minhas mãos, que se agitavam no ar e buscavam, loucamente, agarrar seu cabelo crespo para nunca mais soltar, pois eu só queria tê-la eternamente com seu rosto de mãe grudado ao meu, unidos para sempre pelo amor.

— Não pode, nenê. Machuca mamãe.

Mas eu não entendia a dor que não fosse a minha.

Egoísta, um recém-humano sem limites, eu queria agarrar-me ao seu cabelo, queria que ele fosse meu, só meu, jamais estivesse longe de minhas mãos, de minha posse.

TESTA

E, por insistir em chorar, eu era punido com sua testa franzida — uma crítica ao meu ato egoísta —, o que despertava o meu medo de rejeição. E também havia o olhar de mulher que parecia não gostar mais de mim, que parecia não me querer mais para sempre ao seu lado, enlaçado em sua vida constantemente.

Só por um momento, assustado, diante daquele olhar de recriminação, eu interrompia meu choro. Mas sentir que ela não gostava mais de mim fazia com que meus berros magoados não se contivessem e fossem percebidos novamente por seus cansados ouvidos de mãe.

Quando o seu olhar estava distante, a testa também se enrugava, como terreno seco em dia de sol de deserto, que não se umidificava nem com o rio do meu olhar desesperado em busca de atenção irrestrita.

Cada uma daquelas rugas era um sonho distante de mim, uma nuvem branca e fofa que a levava para o nunca-mais. Lá, havia um olhar diferente do meu, um sorriso diferente do meu, um cheiro diferente do meu.

Às vezes, ela me olhava em silêncio, como se quisesse descobrir em meu rosto o motivo de sua existência, a marca definitiva que a faria ter certeza, a raiz que a fincaria para sempre na terra do meu querer, completamente convencida de sua necessidade de mim, aquele que lhe traria sempre a vontade de viver.

E, então, as sobrancelhas erguiam-se, e minha mãe chorava suas lágrimas salgadas, seu mar de conchas, pérolas e mistérios. E sua dor molhava minha face, sufocava-me com seu sal e calor.

Eu buscava tocar suas lágrimas, levá-las à boca e bebê-las, como o náufrago que não resiste à sede e busca a dor das águas marinhas.

Ela me abraçava e esforçava-se para não quebrar meus ossinhos frágeis de recém-humano, de filho indefeso à mercê do amor de mãe, o filho que não entendia por que o corpo dela sacudia-se em soluços, enquanto o mar brotava de seus olhos em desespero, medrosos de solidão.

Agarrada a mim, a sua tábua de salvação, sufocava-me com seu cheiro de mãe amorosa em sofrimento, ninava-me rumo a um sono repleto de sonhos chuvosos, mergulhava-me em amar salgado de mãe tempestuosa.

OLHOS

Seus olhos eram grandes e pareciam rios negros a desaguar amor e carinho.

Quando ela me olhava, eu sorria e mergulhava-me naqueles rios de águas mansas mas também turbulentas, pois carregavam o amor e o medo.

Seu olhar era terno e provocava em mim aquela sensação boa de que eu estava protegido, de que aqueles seus olhos negros sempre estariam sobre mim, vigiando meus movimentos e impedindo-me de procurar a dor.

Mas, vez ou outra, eu percebia certa tristeza naquele seu olhar e, por isso, eu ficava triste também. Seu olhar distante, longínquo, que sonhava com sonhos diferentes dos meus.

Nesses momentos, no fundo de mim, eu sentia que estava sozinho. Isso me provocava raiva e desespero. Então eu chorava — choro gritado, rios temerosos de secar —, no intuito de que o olhar dela se despertasse para mim, de que seus rios desaguassem em minha direção, para que eu pudesse de novo sentir seu cheiro de canela e não ter mais medo de que minha vida ficasse fria e sem graça.

Com o tempo, comecei a vigiar aquele olhar, queria-o somente sobre mim, que me cuidasse, me acariciasse, me adorasse e me protegesse. Portanto, quando ele se desviava, eu chorava, gritava, só para que ela não viajasse em seus sonhos, não se distanciasse de mim, não me deixasse enfim imerso em meus rios solitários.

ORELHAS

Eu sabia, instintivamente, que era por meio daquelas orelhas que o meu choro lamentoso entrava e tomava conta dela, choro de filho que quer sempre toda a atenção, choro que grita, que pede, que implora, choro egoísta de quem não quer dividir o amor.

Era por ali que cada mínimo ruído penetrava-lhe o cérebro, atento a qualquer perigo que ameaçasse o menino, filho protegido pelos seus instintos de mãe, que estavam despertos mesmo quando ela dormia.

Os meus balbucios inundavam seus ouvidos e, dentro de seu cérebro materno, adquiriam significados; ela podia me entender, adivinhar minhas dores, meus medos.

Eu agarrava suas orelhas, como se pudesse controlá-las e impedir que todos os outros sons as dominassem, na tentativa de que elas só pertencessem a mim, que só estivessem atentas aos sons expressivos de minha existência.

No entanto, meus choros e gemidos acabaram não sendo compreendidos, pois eles pediam para que minha mãe não me deixasse nunca, para que nunca partisse, seduzida pelas imagens encantadoras que via aquele seu olhar distante, tão distante de mim, e pelos sons distintos de mim, que os seus ouvidos captavam, sons que a enchiam de alguma esperança, que lhe despertavam os mais doces sonhos.

NARIZ

Eu conhecia cada detalhe do seu rosto, percorria cada traço dele com meu olhar amoroso e obsessivo, rio preenchendo espaços. Rosto por mim divinizado, superior, pois eu quase sempre o via de baixo para cima, eu na minha inferioridade de fiel adorador diante de força superior a quem eu deveria reverenciar. Rosto negro, com mistura de traços, com mais de uma raça marcada a ferro e fogo. Nele, eu via seu nariz grande e afilado, com asas que se moviam ao sabor dos cheiros, cheiros diversos, que provocavam o riso e o esgar.

Encantavam-me os movimentos daquelas asas, que também reagiam ao meu cheiro, cheiro do qual minha mãe gostava, pois volta e meia curvava-se até meu rosto, até meu ventre, cheirava-os e despertava minhas risadas alegres.

Seu nariz fazia cócegas em mim, e, antes mesmo que ele tocasse de novo o meu corpo e sentisse o cheiro de minha pele e me provocasse cócegas, eu percebia que as suas asas abriam-se aladas para sentir o cheiro de mim, asas abertas sobre mim, para sentir o cheiro de mim, o filho que era dela, minha mãe, e de mais ninguém.

Muitas vezes, eu, sonolento, meio dormindo, meio acordado, semissonhava com o nariz de minha mãe, que se abria em asas de fato, voava entre flores multicores e absorvia os bons perfumes, que eram transmitidos a mim naquele meu semissonhar de recém-humano.

Porém, quando estava desperto, eu percebia seus olhos vagarem e suas asas distantes buscarem outros cheiros diferentes de mim.

Eu então chorava, pois outros cheiros diferentes de mim ela não devia sentir, eu não queria que minha mãe fosse de mais ninguém além de mim. Não podia admitir sua distância, sua ausência. O meu choro então gritava para que ela voltasse para mim.

Era um amor egoísta, queria sua atenção absoluta, não admitia dividi-la com mais ninguém, pois ela pertencia a mim, minha mãe, mãe de seu filho.

BOCHECHAS

Negras bochechas que roçavam as minhas, deslizavam sobre meu rosto de recém-nascido para o mundo das coisas e das pessoas e dos sentimentos. Foram elas que me ensinaram o beijo.

Bochechas amadas, pele de minha mãe, cheiro de canela com doce de leite. Amor divino que me dava paz, sensação de pertencer ao mundo, de pertencer a ela, minha mãe, que gostava de me fazer sorrir, enchia as bochechas de ar, enquanto os olhos se arregalavam, ficavam vesgos, e, de repente, todo o ar era expelido com ruído, estrondosa sonoridade que me arrancava gargalhadas difíceis de serem contidas, repletas de alegria e afeto.

Eu ria ria ria, ficava sem ar de tanto rir, em felicidade suprema diante do rosto amado que significava a minha existência. E quanto mais o meu riso provocava o riso dela, mais vontade eu tinha de rir. Queria rir para sempre, vê-la assim feliz para sempre, só nós dois, únicos, sem mais ninguém, ninguém mais para dividir nossa felicidade, momentos únicos que meu egoísmo de recém-humano não admitia compartilhar.

E quando ela se cansava, minhas mãozinhas tocavam seu rosto, em busca de mais alegria, em busca do beijo que me provaria seu eterno amor. Porém ela ficava triste de tanta felicidade, e seu olhar de novo se perdia na distância, no vazio que nos cercava, como a buscar um sentido para sua existência. Nesse momento, ignorava a total existência de mim, carne de sua carne, sorriso de seu sorriso, olhar de seu olhar, sonho de seu sonho.

Aquele olhar perdido seria meu companheiro por toda a vida, ficaria marcado dentro de mim, como cicatriz perpétua que lembra a ferida distante. Olhar viajante, para sempre impresso no meu.

BOCA

Seu sorriso, com cheiro de batom cor de canela, era como um botão, da flor mais bonita, que se abre, um sorriso mais intenso do que a flor no cabelo dela, flor que espalhava um perfume amargo e suave, que tinha o poder de enlaçar-me e dar-me a sensação do voo.

Quando ela beijava minhas bochechas inchadas de saúde, eu sentia seu cheiro de canela a inundar minhas narinas e estontear-me numa vertigem boa, e a maciez de seus lábios como que me impelia em sonhos de espuma; eu era pluma suave a navegar em brisa morna, era viajante de paz rodopiante.

Eu sentia enorme paz com aquele calor na pele do meu rosto, que se espalhava por todo o meu corpo e me dava arrepios de prazer, sonolência benéfica de amor correspondido. Era como se eu ainda fosse parte do corpo dela, eu era parte dela, eu era ela, aquela que afastava o rosto e me sorria com grandes dentes brancos, que se mostravam diante da felicidade bendita de ter-me ali, sem defesas contra seu grande amor.

O sorriso precedia o som afetuoso de sua voz, voz de mãe, voz que acalmava o meu coração de menino, meu coração inquieto de menino possessivo e ciumento, egoísta ao extremo, incapaz de dividir o seu amor com quem quer que fosse, pois só a mim ela pertencia, somente a ela pertencia o seu filho.

Mãe, dona de voz rouca, porém delicada, que, às vezes, adquiria um tom zangado que me assustava e me fazia chorar e sentir-me rejeitado, sem amor, desamparado, sem a raiz que liga a flor à terra, como

se eu fosse, novamente, impiedosamente, arrancado do útero.

Meu coração acelerava, e, no fundo de mim, desesperadamente, eu pedia que aquela voz voltasse a ser a voz-mãe, doce nuvem branca a me ninar, a voz que me fazia sorrir, que acalmava meu corpo e provocava meu sono inebriado de sonhos com cheiro de canela, rosa vermelha e doce de leite.

O meu choro gritado feria seus ouvidos para mostrar-lhe o quanto doía a sua rejeição.

PESCOÇO

Com minhas unhas claras, e certa maldade, eu arranhava seu pescoço, responsável pela independência dos olhos adorados. Eu arranhava-o, pois era ele o culpado de os olhos dela desviarem-se de mim, de seu rosto de mãe procurar direções outras que não meu rosto de filho possessivo e egoísta.

Eu a queria sempre olhando para mim, atenta unicamente às minhas reações e vontades de recém-humano. Por isso, eu me agarrava a seu pescoço, como se pudesse dominá-lo e evitar que os olhos dela se afastassem de mim, como se pudesse controlá-lo, com minha força de menino valente, como se pudesse vencer o inimigo de minhas vontades, causador da distância entre mim e ela.

Era ele o culpado, provocava a minha ira, a minha tristeza, a minha solidão de menino egoísta e ciumento que queria a atenção dela completamente disponível somente para mim.

Eu ficava com raiva quando ela desviava seu olhar e olhava para direções diferentes de mim; então eu lhe arranhava o pescoço e, com minhas mãozinhas, batia em seu rosto de mãe desatenta.

— Nenê tá nervoso? Por que nenê tá nervoso?

Ela dizia essas palavras, sorria, como se tudo não passasse de uma brincadeira; e aquilo me irritava. Ela não estava levando a sério minha revolta. Por isso, era com raiva que eu tentava novamente agredir-lhe pescoço e rosto, para que ela entendesse finalmente que eu era seu dono, dono de seu amor e de sua total atenção.

Mas a irritação tomava conta de seu rosto, e meu coração disparava, desesperado, diante da iminência

da perda, diante da possibilidade de um afastamento definitivo.

E, magoado, eu chorava e gritava, abraçado ao seu pescoço. E desejava, ardentemente, que ela nunca mais deixasse as rugas se desenharem na testa de mãe severa e entendesse que eu sempre precisaria de uma voz de mãe que me acalmasse definitivamente.

SEIOS

Seus seios negros eram calorosos e reconfortantes, sua pele cheirava à canela misturada a suor cansado de mãe que ampara o filho de seu ventre terno e generoso, que dá vida.

Eu encostava minha cabeça sobre os seios amorosos de minha amada e adormecia, em paz, alheio às mazelas do mundo e cheio de reconfortante proteção materna.

Fartos seios, cheios do leite que me alimentava, leite para mim, filho de seu útero dadivoso, prolongamento de sua existência.

Era tudo de que eu precisava, aconchego e alimento.

Meus olhos pesados de sono fechavam-se sem medo, e eu me deixava afundar no mar branco de meus sonhos, amparado em seu tronco de mãe, árvore generosa.

Eu deitado em seu peito, enquanto o cheiro de sua pele quente entrava por minhas narinas e perfumava o meu sonhar. Enquanto aquele cheiro inundasse a minha existência de recém-humano, eu estaria protegido, não me ameaçaria nenhum perigo, só a plenitude da vida em sua essência bruta estaria a inundar meu cérebro e meu coração.

Enquanto eu estava ali, eu não tinha medo e só sentia a segurança de existir sem pressa ou receio, sem conflitos, sem porquês angustiantes.

Mas minha mãe não podia me manter ali, grudado a ela eternamente, como siameses. Então, ela me afastava, tentava transferir-me para a fofa espuma do colchão, e eu acordava, eu chorava, não podia viver longe de seu cheiro de mãe, seu cheiro de canela.

Eu agarrava seu pescoço, com firmeza, não queria me afastar, resistia ao sonossonhar que pesava meus olhos. Ela, porém, bem mais forte do que eu, firme mas com carinho, afastava-me e olhava-me com aquele olhar severo debaixo daquela testa enrugada. E, assim, a meio sonhar, eu podia perceber o toque do não gostar e sentia medo de perdê-la.

BRAÇOS

Eram seus braços que me afastavam dela. Culpados sim, completamente culpados. Longos, cruéis, eram eles que eu via entre mim e ela naqueles momentos em que meu corpo ficava longe do seu, em que eu queria abraçá-la, não ser independente jamais, em que eu chorava e implorava pelo seu carinho, e seus braços me diziam “não”.

E era por isso que eu, um pequeno reizinho que desejava simplesmente tudo, mordia-os com meus dois dentinhos recém-nascidos, e também os arranhava com minhas unhas de animalzinho ciumento, possessivo, filho egoísta e autoritário que quer amor e proteção ininterruptos, dedicação exclusiva.

Eu não gostava daqueles braços, eu não gostava de nada que me afastasse dela, que se interpusesse entre mim e ela. Eram inimigos a serem combatidos aqueles braços insensíveis, causadores do choro do recém-humano desejoso de mãe.

Ela apoiava os cotovelos na cama, segurava a cabeça no ar e, o olhar perdido, distante de mim, deixava-se invadir por ideias perigosas, que a faziam pensar na possibilidade de uma vida sem mim.

Os seus braços sonhocausadores faziam-na afastar-se da solidão que a inundava por dentro, da insatisfação que a fazia querer buscar outra realidade distinta de mim, pois estar do meu lado era deixar de ter vida própria, já que eu exigia dedicação exclusiva.

Então, com carinho, eu tocava aqueles braços, era gentil com eles, na tentativa de que ficassem meus amigos e não mais me afastassem dela. Mas eles não se deixavam enganar, quando eu menos esperava,

eles estavam criando uma dolorosa distância entre mim e ela, distância que eu não sabia suportar.

MÃOS

O calor de suas mãos em meu rosto me acalmava. Mãos de mãe, quentes, infinitas, amadas por mim, prontas para amparar o menino que pedia sempre proteção.

Mãos cujos dedos acariciavam minha testa, meu nariz, meus lábios, como se estivessem desenhando os traços do meu rosto, como se gravassem na pele materna, escura e lisa a identidade facial do menino desperto ou adormecido em sonhos de bolhas e nuvens.

Foi uma daquelas mãos que levou as primeiras colheres de alimento à minha boca, sinal de que eu não beberia para sempre dos seios de minha mãe; portanto, alimento que representava nossa separação definitiva.

No início, tentei rejeitá-lo; mas não pude resistir por muito tempo, algo mais forte do que minha vontade me fazia aceitar aquela comida. Era o instinto de animalzinho humano que privilegia a vida, que busca ar e alimento para continuar sendo.

A forma como aquelas mãos me tocavam dizia dos sentimentos de minha mãe; se leves, em paz; se bruscas, a angústia parecia tomar conta dela. Por meio de suas mãos, eu sentia sua alegria e sua tristeza, seu medo e sua coragem, suas certezas e suas inúmeras dúvidas. Mãos que normalmente estavam associadas às rugas na testa. Sem rugas, mãos doces; com rugas, mãos pesadas, amargas.

Até que, um dia, minha mãe abriu suas mãos e encostou-as nas minhas. Mãos espalmadas e unidas amorosamente. Então, as rugas começaram a se formar em minha testa; pois foi naquele momento que

percebi que eu tinha mãos próprias, que podiam se unir às mãos de minha mãe ou viver longe delas. E essa percepção se repetiria dali para frente, a sensação de que nós não éramos uma só pessoa, mas dois indivíduos diferentes e únicos.

PERNAS

Foi minha mãe quem me colocou no chão pela primeira vez. Lugar frio e duro, sem a maciez do corpo dela, sem o calor do corpo amado, apenas a solidão fria.

A tristeza me invadiu, pois senti que a minha amada não me queria mais, afastava-me, entregava-me àquele mundo assustador.

Porém, logo a tristeza foi substituída pela curiosidade. É que o animalzinho humano tinha dentro de si o instinto da descoberta, do risco. Pois os seres humanos são exploradores natos, o conhecimento e a conquista são seus desejos naturais.

Dali de baixo, o mundo parecia tão maior! Apoiado sobre mãos e joelhos, engatinhei timidamente pela sala, animalzinho humano, de quatro, que sentia cheiros novos e tinha o impulso de lamber as coisas para saber-lhes o gosto, coisa que não fazia porque a minha mãe estava atenta, vigiava e controlava as minhas primeiras descobertas na solidão de ser.

Sem mesmo olhar para trás, eu sabia, por intuição, que ela sorria, orgulhosa de mim. Mesmo distante, estava comigo, presa pelo seu olhar. Isso me estimulava a engatinhar um pouco mais longe, enquanto ela chorava de alegria, contente com seu menino corajoso que descobria a independência.

Parei, pois senti o terror da distância. Sentei-me no chão duro e, com certo esforço, virei-me para que meus olhos me aproximassem dela, minha mãe. Olhei para suas pernas, longas, que podiam afastá-la ou aproximá-la de mim, que podiam levá-la para bem longe de mim, para sempre.

Foi com aquelas pernas que ela se aproximou para evitar que eu cometesse o erro de engolir um botão que se encontrava ali perdido, foi com elas que ela se afastou para me dar espaço e independência.

E, por não querer ser livre, engatinhei o mais rápido possível em direção à minha mãe, abracei uma de suas pernas, fortemente, e desejei que ela nunca afastasse minha mãe de mim.

PÉS

Sentado no chão, descobri os meus pés. Nunca havia prestado muita atenção neles; mas, de repente, como numa revelação, eles estavam lá, vivos e significantes, prontos para levar-me para o futuro.

Minha mãe também tinha pés e andava com eles. Foi imitando-a que, aos poucos, com muita cautela, fiquei de pé pela primeira vez, menino que se equilibra na corda da vida e busca a firmeza do chão.

Com meus bracinhos estendidos, equilibrei-me e, cambaleante, dei os primeiros passos, enquanto, no peito, o trêmulo coração batia disparado.

Foi quando vi um menino, assim como eu, que se esforçava para manter-se de pé e estendia em minha direção suas mãozinhas negras, seu olhar atento, curioso.

Caminhei em direção a ele e tentei tocá-lo, pois o tato parecia mais confiável do que a visão. E nossas mãos uniram-se num toque frio, inumano, sem vida. Então, afastei-me, e o menino também, brincava de imitação.

Quando de novo me aproximei dele, percebi o sorriso de minha mãe, sua satisfação em ver-me de pé. Len-ta-men-te, dei meia volta e lá estava ela, virei-me no-va-men-te e vi que ela também continuava no espelho. Ela estava diante de mim e atrás de mim, mãe protetora e onipresente.

Por meio de uma mescla de instinto e razão, percebi que aquele menino no espelho era eu e tive a certeza definitiva de que minha mãe e eu estávamos separados. Consciência chocante, vertiginosa, que me fez cair sentado sobre o duro chão.

Ela estendeu-me sua mão, ajudou-me a levantar, a ficar de pé. E, então, olhei-me de novo no espelho.

Foi nesse momento que eu a perdi definitivamente. E, a partir dali, comecei a caminhar sozinho.